

# Coletivo Mimese: ensino de poéticas fotográficas

## *Coletivo Mimese: teaching of photographic poetics*

JANAINA SCHVAMBACH\*

Artigo completo submetido a 15 de maio de 2017 e aprovado a 29 de maio 2017.

\*Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Área de Ciências Sociais Aplicadas ao Curso de Publicidade e Propaganda e Curso de Licenciatura em Artes Visuais Av. Senador Atilio Fontana, 591-E EFAPI – Cep: 89809-000, Caixa Postal: 1141 Chapecó/SC Brasil. E-mail: artejanaina@unochapeco.edu.br

**Resumo:** O presente artigo relata a produção em fotografia realizada na disciplina de Poéticas Fotográficas na Contemporaneidade que tem como principal objetivo produzir trabalhos poéticos em fotografia dentro de um curso de Licenciatura em Artes Visuais numa Universidade comunitária do Estado de Santa Catarina/Brasil. Foram realizados 15 retratos inspirados em grandes obras de arte, onde a experiência na produção uniu de maneira coletiva professora e estudantes, promovendo uma expansão na práxis do fazer/saber Arte.

**Palavras-chave:** Fotografia / Professor/artista / Ensino da Fotografia.

**Abstract:** *The present article reports on the photography production carried out in a discipline of Photography Poetics in the Contemporaneity whose main objective is to produce poetic works in photography within a Licentiate Degree in Visual Arts at the State University of Santa Catarina / Brazil. There were 15 portraits inspired by great works of art, where an experience in production united collectively teachers and students, promoting an expansion in the praxis of art.*

**Keywords:** *Photography / Teacher/artist / Photography Teaching.*

## Introdução

O presente artigo relata a produção coletiva em fotografia realizada na disciplina de Poéticas Fotográficas na Contemporaneidade que tem como principal objetivo produzir trabalhos poéticos em fotografia dentro de um curso de Licenciatura em Artes Visuais numa Universidade comunitária do Estado de Santa Catarina/Brasil. Acredita-se que esse tipo de experiência poderá contribuir para uma ampliação nos modos de entendimento sobre a produção em arte, dentro de uma perspectiva de desenvolvimento poético coletivo, proporcionando um ato expressivo que dialoga arte, prática e ensino.

### 1. Relações entre Arte e fotografia

As manifestações contemporâneas em fotografia abrangem diversas técnicas, produções e modos de fazer. Percebe-se um retorno aos processos analógicos e artesanais, como também, um revisitamento aos usos do estúdio fotográfico. O estúdio, um ambiente essencialmente artificial, foi e é muito utilizado com fins comerciais, desde fotografias publicitárias, comerciais, retratos, entre outros.

O uso do estúdio fotográfico é concomitante ao nascimento da fotografia, Joseph Nicéphore Niépce em 1826 fez sua primeira imagem permanente através de uma janela, porém a invenção que faria grande sucesso foi a de Louis Jacques Mandé Daguerre, o daguerreótipo (1839), que apresentava melhoramentos técnicos e melhor qualidade na imagem em relação aos estudos de Niépce. No início o processo demorava em torno de 20 a 30 minutos na captação das imagens, depois, quando sofreu melhoramentos, passou a ser possível fotografar pessoas, e a partir desse momento, os estúdios passam a fazer parte do cotidiano do fotógrafo. Depois com Adolphe Disderí, temos a democratização ao acesso da fotografia com o *carte-de-visite*, “padronizando” o estilo academista de se fazer retratos populares (Fabris, 1991).

Ao longo da história, os usos da fotografia permearam nas mais diversas áreas, na arte ela alcança sua independência nos experimentos vanguardistas no início do XX. Anteriormente, haviam fotógrafos que pensavam a fotografia como arte, porém subjugados à tendência de uma linguagem plástica da pintura e do desenho, negando o registro mecânico e técnico da câmera, (Janson, 1996). O excesso de precisão, nitidez e “veracidade” da imagem fotográfica era visto com desconfiança pelo circuito artístico naquele momento. Logo após, o uso da fotografia nos movimentos modernistas, passam a novas experimentações — fotogramas, fotomontagens, colagens, séries fotográficas e apropriações.

Nas produções contemporâneas, Dubois (1993) afirma que a fotografia adquire novas funções na arte, além de ser uma técnica, ela passa a ser registro/



**Figura 1** · Magritte. Coletivo Mimese, 2016.

Fonte: própria.

**Figura 2** · Referência René Magritte (The Son of Man, 1964). Coletivo Mimese, 2016. Fonte: própria.



**Figura 3** · Referência Johannes Vermeer (Moça com brinco de pérola, 1665), Coletivo Mimese, 2016. Fonte: própria.



**Figura 4** - Referência Frida Kahlo (Autorretrato dedicado ao Dr. Eloesser, 1940). Coletivo Mimese, 2016. Fonte: própria.

documento contribuindo para o desdobramento e armazenamento de ações efêmeras, assumindo a postura de registro, que posteriormente pode vir a se tornar obra. Ou no caso da arte performática e/ou *bodyart*, que é caracterizada pela imaterialidade ou impermanência do objeto artístico, a fotografia vem ao encontro, muitas vezes negado, de registrar as ações/trabalhos que em sua gênese deveriam se consumir no próprio ato, mas devido ao registro, acabam perenizados, tornando-se arquivo/obra.

Enquanto isso, Roullé (2009) declara que a partir dos anos 80 a fotografia passa de imagem vetor, para verdadeiro material artístico, ultrapassando as antigas definições de sua aplicabilidade, e propondo uma independência da imagem, assumindo seu caráter de documento, ao mesmo tempo que não nega seu traço de subjetividade, diferenciando-se na fotografia feita por fotógrafos e na fotografia feita por artistas. Assim, entendemos a fotografia como uma linguagem múltipla que consegue carregar diversas apropriações e maneiras de se realizar, além de potente no uso do ensino da arte, nas suas relações entre artista/professor/estudante.

## 2. Professor/Artista

Ao juntarmos as palavras professor + artista estamos unindo dois perfis distintos, pois nem todo professor é artista e nem todo artista é professor. Mas neste caso específico, ao invés de perdemos potência nesse novo recorte, podemos desenvolver um estudante multifacetado que poderá percorrer por ambos os caminhos sem limitar sua atuação. A Arte em sua gênese é um grande campo que aborda diversos cenários e se mostra flexível em relação a si mesma, ao outro, e ao contexto que está inserida. Logo, desenvolver ações poéticas visando a produção de Arte em um curso de Licenciatura, promove uma expansão na práxis do fazer/saber Arte.

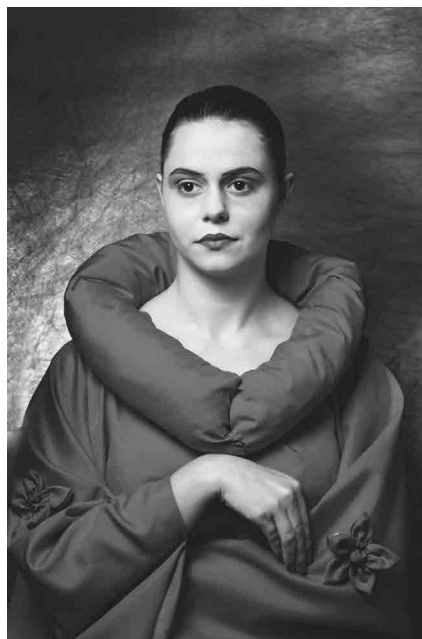
Para Jocielle Lampert (2016), existem duas linhas que podemos observar o 'ser' artista, um deles é aquele legitimado pelo circuito artístico, o outro é aquele que experiencia sua produção de maneira investigativa, tanto pedagógica, quanto artística. Ou seja:

*(...) para ser um professor artista, (é necessário a pesquisa ser inerente ao processo de criação), também ponderar sobre o lugar/tempo/espaço de produção e recepção do 'objeto' artístico. Assim como, compreender a produção de conhecimento sobre o ensino/aprendizagem, articulada com o espaço da sala de aula, da Escola, do estúdio do artista ao diário, ao caderno e/ou à cidade, onde deambulamos sobre diferentes visualidades, e que, poderá servir de lugar para outros processos formativos, fora de conteúdos e currículos. (Lampert, 2016, pag. 3 e 4).*



**Figura 5** · Referência Leonardo Da Vinci (La Gioconda, 1503). Coletivo Mimese, 2016. Fonte: própria.

**Figura 6** · Referência Gustave Courbet (Autorretrato, 1844), Coletivo Mimese, 2016. Fonte: própria.



**Figura 7** · Referência Tarsila do Amaral (Autorretrato [Manteau Rouge], 1923). Coletivo Mimese, 2016. Fonte: própria.



**Figura 8** · Referência Matisse (Portrait of Madame Matisse, 1905), Coletivo Mimese, 2016. Fonte: própria.

Dentro desta perspectiva, as aulas foram direcionadas para a construção de um sujeito consciente de seu papel enquanto estudante, observando que a constituição do SER professor/artista possui importância equivalente, e nesse meio de passagem, o estudante emerge conectando pontos e criando novos trajetos para o desenvolvimento de um sujeito que transita entre ambos perfis e que tece reflexões sobre suas vivências e experiências.

### 3. Processos e ações experimentais

A experiência em trabalhar a fotografia como concepção do processo de criação, contribuiu para um alargamento do entendimento sobre poéticas, promovendo conexões entre teoria e prática, e provocando ações relacionais entre os estudantes, à produção e ao aprimoramento técnico.

No caso do Coletivo Mimese, o procedimento utilizado dialogou com os modos técnicos da fotografia de estúdio, como também, a Direção de Arte no que se refere a produção das cenas e cenários. As aulas foram iniciadas com textos que discorriam sobre a simbiose da imagem fotográfica contemporânea e seus diversos trânsitos expansivos. Flusser (1985) diz que o aparelho (câmera) deve ser explorado em todas as suas possibilidades, e que o operador (fotógrafo) carrega consigo a missão de ultrapassar os limites pré-determinados, gerando novas formas e usos da técnica fotográfica. Nessa mesma linha de raciocínio, o conceito de Fotografia Expandida, defendido por Rubens Fernandes Jr (2006), aborda o processo fotográfico como parte de um pensamento artístico significativo, que se utiliza da técnica para produzir poéticas que relacionam a imagem fotográfica como objeto pensado dentro de princípios plásticos (tamanho, cor, forma, moldura, espaço, ambiente expográfico, etc). Assim, entendemos a fotografia como material artístico (Roullé, 2009), que carrega consigo uma gama infinita de possibilidades processuais e que corrobora na aplicação de conceitos contemporâneos nos desenvolvimentos de poéticas artísticas.

A ideia geral do trabalho foi construída coletivamente por meio de conversas, estudos e debates, por conseguinte, foram escolhidas obras que se “parecessem” com os estudantes, tanto fisicamente, como identificações pessoais. Deste modo, surgiu o panteão mimese: René Magritte (Figura 2), Johannes Vermeer (Figura 3), Frida Kahlo (Figura 4), Leonardo Da Vinci (Figura 5), Gustave Courbet (Figura 6), Tarsila do Amaral (Figura 7), Matisse (Figura 8), Paul Gauguin (Figura 9), Amadeo Modigliani (Figura 10), Vincent Van Gogh (Autorretrato, 1889), Auguste Dominique Ingres (A virgem do véu azul, 1827), Pierre Auguste Renoir (Porträt der Madame Henriot, 1876), Philip Halsman (Bigode de Dali, 1954), Andy Warhol (Shot Blue Marilyn, 1964) e El Greco (Le Gentilhomme à la main sur la poitrine, 1578).



**Figura 9** - Referência Paul Gauguin (Autorretrato com ídolo, 1893), Coletivo Mimese, 2016.

Fonte: própria.

**Figura 10** - Referência Amadeo Modigliani (Jeanne Hebuterne, 1919), Coletivo Mimese, 2016.

Fonte: própria.



Escolhidas as obras, adveio as orientações a respeito da Direção de Arte para o estúdio, estudando iluminação e elementos que contribuíssem na construção dos personagens. A preocupação se deu desde a viabilidade em conseguir determinados materiais específicos, além da maquiagem e figuro de caracterização. Os alunos foram os responsáveis por coletar esses materiais, as fotografias foram realizadas num total de 4 aulas de 4 horas/aula. A cada aula, um grupo era fotografado, o restante dos alunos contribuía no processo de caracterização dos personagens colaborando na realização da maquiagem, cabelo, fundo do cenário e auxiliando também o fotógrafo (Figura 1).

Os 15 retratos realizados não são cópias, as obras de arte foram as inspirações para a construção de uma prática fotográfica que uniu experiências técnicas no estúdio fotográfico, como também, vivências entre produção e execução, perfazendo as ações de maneira expansiva e investigativa. Nesse sentido, as experiências na realização dos trabalhos se mostram mais significativas durante o processo, nas trocas efetuadas entre professora e estudantes e entre os estudantes entre si.

Por surpresa, o grupo participou ativamente da construção de todos os personagens, gerou-se um clima colaborativo que potencializou os processos de criação. Após a seleção das melhores imagens, a pós-produção foi realizada pela professora do componente curricular.

O Coletivo Mimese ganhou unidade e hoje em dia possui uma página na rede social onde expõe e divulga as ações do grupo. Em novembro de 2016 realizou-se a primeira exposição, e a partir desse momento, o papel da professora/artista/orientadora passou a ser coadjuvante no processo, lançando ao devir os desdobramentos dessas ações/relações.

### Considerações finais

*A Natureza engendra similitudes. Basta pensar no mimetismo animal. Contudo, a mais elevada aptidão de produzir similitudes, pertence, tipicamente ao Homem.*

— Walter Benjamin (1970).

Neste sentido, alcançamos o conceito de experiência defendido por Dewey (2010), entendendo que esse exercício de criação/produção coletiva possa se desenvolver como uma verdadeira experiência sigular, pois a função da Arte é unificar a vitalidade consciente presente na vida humana, as obras de Artes qualificadas não geram experiências estéticas especializadas — elas aprimoram a percepção, a comunicação, originando fontes de energia e inspiração.

Assim, experiência estética é a responsável em ampliar e aprimorar as inquietações humanas, e nesse caso, incumbida em gerar conexões entre arte/fotografia/ensino/experiência.

Portanto, percebe-se o transbordamento de um exercício do ensino da arte, para uma produção poética além do circuito interno da Universidade, efetivando a possibilidade de uma experiência singular. Se tratando de um curso de Licenciatura em Artes Visuais, talvez muitos dos estudantes não continuem no caminho da produção em Arte, porém é nessas experiências e convivências que nos formamos profissionais potencializadores nas mediações entre conteúdo/artista/obra.

### Referências

- Benjamin, Walter. A capacidade mimética. In: Chacon, V (1970). (org.). *Humanismo e comunicação de massa*. Rio de Janeiro: tempo brasileiro.
- Dewey, John (2010). *Arte como Experiência*. São Paulo: Martins Fontes.
- Dubois, Philippe (1993). *O Ato Fotográfico e outros Ensaios*. Campinas, SP: Papirus.
- Fabris, Annateresa (Org) (1991). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo: Edusp.
- Fernandes Jr. Rubens (2006). *Processos de criação na fotografia: apontamentos para o entendimento dos vetores e das variáveis da produção fotográfica*. FACOM, n° 16, 2° semestre.
- Flusser, Vilém (1985). *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Editora Hucitec.
- Janson, H. W (1996). *Iniciação à História da Arte*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Lampert, Jocielle (2016). *[Entre paisagens] ou sobre 'ser' artista professor*. Disponível em: [https://www.academia.edu/21969486/Entre\\_paisagens\\_ou\\_sobre\\_ser\\_artista\\_professor](https://www.academia.edu/21969486/Entre_paisagens_ou_sobre_ser_artista_professor), acessado em maio.
- Rouillé, André (2009). *A Fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo. Ed. Senac.